Evento:XXX Jornada de Pesquisa

O DESAFIO ÉTICO-ESCOLAR EM MEIO À EFEMERIDADE DAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS [1]

Josemar Pedro Lorenzetti [2]
Vânia Lisa Fischer Cossetin [3]

[1] Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.
[2] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). E-mail: josemarlorenzetti@gmail.com
[3] Doutora em Filosofia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. E-mail: vania.cossetin@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

Será que a humanidade está se dando conta de que a virtualização da convivência fragiliza, mercantiliza e banaliza as relações intersubjetivas? À medida que o cotidiano se moldou sob lógica da instantaneidade digital, percebemos que o outro deixa de ser presença encarnada e passa a ser apenas um ponto de acesso na superfície das telas. Nesse cenário, em que a convivência é pulverizada e os vínculos interpessoais se tornam efêmeros, vislumbra-se a oportunidade de retomar a questão socrática, defensor de que a vida que não é examinada não vale a pena ser vivida (Platão, 2001), como forma de retomar o debate ético sobre os rumos de nossa civilização. No contexto provisório das conexões sociais por meio de redes digitais, quem somos, afinal, quando não mais nos importamos com a presença do outro, como alteridade significativa?

METODOLOGIA

Neste texto, propomos uma pesquisa bibliográfica, com análise qualitativa e aporte crítico-hermenêutico, fundamentada em autores do campo filosófico educacional. O espaço escolar, longe de ser poupado do apelo das telas e do virtual, tornou-se um espelho distorcido desses fenômenos. A partir disso, torna-se necessário perguntar o que nos domina, o que está moldando nossos vínculos. Esta busca possibilita retomar a tradição filosófica pelo estudo das noções de *Paideia* grega e de *Bildung* Moderna, relacionando-a a novos sentidos de formação para a contemporaneidade, numa reflexão crítica da moral de mercado para rever a crise de referências que afeta a educação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da indagação sobre onde ainda podemos lançar a âncora dos valores em tempos de dissolução das referências coletivas, diagnosticamos que vivemos uma época marcada por uma profunda imersão no universo digital. Crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos passaram a dedicar a maior parte de seu tempo às redes sociais e ao consumo de conteúdos digitais. Essa mudança de comportamento, marcada pela virtualização da experiência e pelo deslocamento das interações concretas para ambientes mediados por telas, vem instaurando uma nova configuração da subjetividade, profundamente marcada pela superficialidade das relações e pela efemeridade dos vínculos humanos. O que se observa é uma crescente substituição das interações presenciais densas por trocas instantâneas. Diante desse cenário, em que a presença do outro é marcada pela superficialidade, perde-se a possibilidade de experiências formativas autênticas, como aquelas associadas à areté, conforme exposto por Paviani (2008), expressão da excelência humana ancorada no valor da virtude cidadã e voltada para a alteridade.

É nesse sentido que a tradição amplia nosso olhar sobre a educação, compreendida como processo intencional de formação, ao oferecer referenciais decisivos com sentidos fundantes e renovadores, como se observa na noção grega de *Paidéia (*Jaeger 2013). Este conceito, mesmo distante historicamente e criticável pelo aspecto já superado das formas específicas daquele contexto social, que reproduzia formas de exploração e subjugação do estrangeiro, da mulher e do escravizado, pode ser um caminho para ajudar-nos a ampliar os sentidos e ressignificar os fundamentos do educar. Nesse mesmo horizonte, temos o conceito de *Bildung*, originado na tradição filosófica moderna alemã, que liga à cultura o processo educativo. Conforme acentua Flickinger (2010, p. 49) *"a formação abrange — como a paideia grega e o conceito humboldtiano da Bildung nos ensinam — o ser humano na sua íntegra e não somente como elemento funcional em um sistema por ele vivido como um mundo a ele impingido*". Tal perspectiva compreende que a vivência escolar implicaria um lugar na qual a formação humana far-se-ia na relação com a cultura. Assim, a *Bildung* não visa adaptar o sujeito ao existente, mas ampliar os seus horizontes experienciais, possibilitando a emergência de uma subjetividade que, ao se reconhecer como social e histórica, seja capaz de transformar a realidade porque primeiro nela se inseriu e se moldou. Essa compreensão é a antítese da lógica instrumental da educação contemporânea, na qual o sujeito é frequentemente reduzido a um consumidor de informação,

e nos recorda do sentido da formação como projeto de constituição de uma vida culturalmente enriquecida e ampliada, a permitir ao sujeito que possa fazer escolhas acerca de seu destino.

Para os gregos, a *Paidéia*, e mais tarde, para os modernos, a *Bildung*, ao visarem a formação do humano integrado, inscrevem a educação num horizonte moral, no qual o cultivo das virtudes, da interioridade e do pertencimento ao contexto vivido torna-se, consoante Cossetin (2021), uma consideração fundamental para a formação integral do ser humano em todas as suas multidimensionalidades. Tal formação implica a inserção em uma cultura comum e o diálogo com modelos de excelência humana, o que não é possível sem o reconhecimento do passado e sua ressignificação a partir dos desafios do tempo presente.

Ao resgatar as origens da instituição escolar, percebemos que ela se coloca em compromisso com o outro, mediante a construção de um horizonte comum de sentido, exatamente o que hoje está sendo diluído na liquidez da sociedade contemporânea (Bauman, 2011). Na atualidade, diante do enfraquecimento dos vínculos de reciprocidade, onde o pertencimento e a confiança mútua se mostram cada vez mais frágeis, dificultando a constituição de acordos éticos duradouros, não basta impor normas ou recorrer a limites externos como forma de controle. Torna-se necessário reconstruir as bases simbólicas da escola, compreendendo que a educação se realiza por meio da identificação cultural no processo de aprendizagem. Somente assim será possível reanimar a coabitação e sustentar formas mais densas de convivência, como alerta Bleichmar (2008, p. 32-33):

> El problema de nuestro país es pasar del concepto de mayor seguridad al concepto de menor impunidad, si cuesta plantear que el problema no está en cuánto límite exterior ponemos, sino en cómo construimos una nueva cultura en la seguridad interior sobre la base en la confianza en el semejante, es evidente que el problema principal en la escuela no está en la puesta de límites, sino en la construcción de legalidades. Porque el límite es exterior, no educa. Aunque a veces haya que ponerlo en la base de la instauración de ciertas leyes.

A construção de uma nova cultura de confiança no semelhante, por meio de legalidades sustentadas no pertencimento comunitário, reafirma a escola como espaço de *Paidéia* e *Bildung*, atualizando, no tempo presente, uma escolha civilizatória. Recusamo-nos à rendição à lógica da velocidade, da obsolescência e da dispersão que nos atravessam diante de tantas incertezas quanto ao futuro da humanidade. Formar, nesse horizonte, não é produzir competências para o jogo efêmero da performance, mas cultivar presenças capazes de sustentar vínculos, de escutar o outro, de permanecer mesmo quando tudo convida à desistência. A educação, nesse sentido, não pode ser tratada como engrenagem de um sistema, mas como o lugar onde o adulto pode

conquistar a confiança da geração que está se formando, fazendo da presença e da compreensão um modo de fazer nascer o humano onde ele ameaça desaparecer. Talvez não haja outro espaço além da escola onde ainda seja possível apostar, com algum grau de esperança, na reconstrução de um senso partilhado de mundo, pois já está claro que a tecnologia não produz subjetividades, ela apenas massifica a indigência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Associada à robotização da convivência, promovida pela imposição das telas e das plataformas digitais, a sociedade contemporânea se vê atravessada por um modelo neoliberal que transforma os relacionamentos e as formas do ser em mercadoria, substituindo o cidadão pelo consumidor, de acordo com Charlot (2019). A pergunta que retorna com urgência é de natureza antropológica: seríamos, de fato, seres destinados ao consumo? E, se não o somos, por que passamos a agir como se nossa finalidade fosse apenas consumir e ser consumidos? A escola, que deveria funcionar como espaço de suspensão crítica dessa lógica, encontra-se cada vez mais pressionada a reproduzi-la em sua estrutura organizacional, em seu currículo e até mesmo em sua linguagem formativa. Flickinger (2010) observa que, sob a lógica neoliberal, o ser humano é concebido como elemento funcional do capital, ajustado às demandas de produtividade e desempenho.

Nesse contexto, instauram-se tensões profundas no interior do processo educativo, onde se contrapõem modelos formativos de inspiração humanista àqueles voltados exclusivamente à preparação para o mercado de trabalho, com ênfase crescente neste último. Tal separação conduz a uma redução inaceitável da condição humana, como se a escola se convertesse em linha de montagem de competências vendáveis, esvaziando a formação de sua dimensão integral. O ambiente escolar tornou-se excessivamente permissivo, perdendo sua função de orientar os sujeitos para a convivência com base em valores minimamente compartilhados. O ideal iluminista, que atribuía ao professor a tarefa de guiar os alunos rumo ao domínio de si, ao saber e à razão, foi esvaziado de conteúdo. A figura do professor, guardião da laicidade e agente de formação pública em torno de valores republicanos, igualmente perdeu seus marcos, desestabilizada por uma globalização que dissolve fronteiras simbólicas, culturais e éticas e desloca o lugar de sujeito para ceder lugar ao indivíduo de alto desempenho. Como resultado, a escola se vê atravessada por tensões contraditórias: de um lado, o avanço de

fundamentalismos religiosos que tentam impor suas verdades particulares como universais; de outro, um relativismo radical que inviabiliza qualquer orientação mínima para o comum. Entre esses polos, muitos professores recuam diante do conflito e abdicam da responsabilidade de serem referências formativas.

Como analisa Cossetin (2021, p. 2), "*em nome da adoção [...] de uma postura de permanente suspensão, relativização e crítica, [...] estaria conduzindo ao abandono e à recusa de valores razoáveis e minimamente estáveis*". A recusa em assumir uma direção ética, mesmo que provisória e situada, transforma a escola em um espaço de neutralidade desorientada. Como alertam Masschelein e Simons (2014), a escola perde sua força pública justamente quando deixa de oferecer tempo e espaço para o encontro com algo comum, algo que suspenda as pressões do utilitarismo e do desempenho externas a ela. Sem esse tempo livre que torna possível a formação, a escola torna-se apenas uma extensão da lógica de mercado, onde o saber é reduzido a capital e o humano é apenas instrumento. O aluno, desorientado por professores que não ousam afirmar valores, é facilmente capturado pelas promessas sedutoras do consumo e do virtual.

Palavras-chave: Formação. Alteridade. Referência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BLEICHMAR, Silvia. Violencia social, violencia escolar: de la pueste de limites a la construcción de legalidades. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas Y Material Didáctico, 2008.

CHARLOT, Bernard. A questão antropológica na educação quando o tempo da barbárie está de volta. Educar em Revista, v. 35, n. 73, p. 161-180, 2019.

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Da assepsia moral na educação. Educação e Filosofia, v. 35, n. 74, p. 1-30, 2021.

FLICKINGER, Hans-Georg. A caminho de uma pedagogia hermenêutica. São Paulo: Autores Associados, 2010.

JAEGER, Werner W. Paidéia: a formação do homem grego. 6. ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão pública.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates.* Belém: EDUFPA, 2001.

PAVIANI, Jayme. Platão & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.